

OS LUGARES E OS PAPÉIS DA CULTURA INDÍGENA PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PNLD/CAMPO-2013

Manuela D`arc da Silva¹

Universidade Federal de Pernambuco. Email: manu-darc@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é fruto da pesquisa de iniciação científica-PIBIC/CNPq e versa sobre as representações imagéticas da Cultura Indígena nos livros didáticos aprovado pelo PNLD/CAMPO-2013. Como também, faz parte da pesquisa “Educação do Campo e ‘Desenvolvimento’ Rural: foco nos saberes dos povos camponeses e da educação das relações étnico-raciais presentes nas práticas curriculares e nos livros didáticos das escolas localizadas no Território Rural do Município de Caruaru – PE”, este estudo vem sendo desenvolvido no Centro Acadêmico do Agreste, no Núcleo de Formação Docente, na Universidade Federal de Pernambuco. A partir da compreensão dos Livros Didáticos enquanto textos curriculares, objetivamos identificar e caracterizar os lugares e os papéis da Cultura Indígena presente nos livros didáticos aprovados pelo PNLD/CAMPO-2013. A Abordagem Teórica centra-se nos Estudos Pós-coloniais Latino-americanos (QUIJANO, 2005, 2006; MIGNOLO, 2008; WALSH, 2008) que colocam em questão os modelos teóricos eurocêntricos e suas metanarrativas, principalmente no que se referem à discussão da Cultura Indígena. A técnica de análise é Análise de Conteúdo via Análise Temática (VALA, 1999; BARDIN, 1977). Os resultados apontam que a Coleção Girassol – Saberes e Fazer do Campo apresenta um quantitativo de 38 imagens. Os lugares e os papéis da Cultura Indígena presente nos livros didáticos se constituem na tensão relação da Colonialidade e da Decolonialidade. Mostram a forte influência da Colonialidade do Poder, Ser e do Saber, em que os indígenas e suas culturas são retratados na condição de subalternos e presos ao passado, retratando a figuras de bárbaros, bons selvagens, primitivos e arcaicos, homogeneizando e silenciando os povos e culturas.

Palavras chave: Cultura Indígena, Livro Didático, Imagens

¹ Graduanda em Pedagogia, bolsista PIBIC-CNPq, membro do Grupo de Estudos Pós-Coloniais e Teoria da Complexidade em Educação e membro do Grupo de Estudo de Gênero, Sexualidade e Práticas Educativas, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

INTRODUÇÃO

O referente artigo é parte da Pesquisa de Iniciação Científica-PIBIC/CNPq e versa sobre: “A Representação da Cultura Indígena no Livro Didático Aprovado pelo PNLD/CAMPO-2013”¹, desenvolvida na UFPE no Centro Acadêmico do Agreste no Núcleo de Formação Docente. Partimos dos pressupostos de que: a) os livros didáticos são textos curriculares identitários, b) da ideia de que o sentido da Cultura Indígena nos livros didáticos está nos lugares e não-lugares e papeis e não-papéis que lhe destinam e c) sobre a compreensão de que os lugares e não-lugares e papéis e não-papéis da Cultura Indígena nos livros didáticos representa o silenciamento imposto pelos grupos hegemônicos e os gritos decoloniais dos movimentos Indígenas ao longo de nossa história.

Assim, tomamos os Livros Didáticos como instrumentos que se constituem por lutas e tensões, políticas, epistêmicas e culturais forjadas em relações de dominação que “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão” (PESAVENTO, 2004, p. 41). Dessa maneira, pontuamos as inconclusões e as intencionalidades que constituem os Livros Didáticos, e a importância de submetê-los a análises/reflexões. Delimitamos como objetivo norteador: identificar e caracterizar os lugares e os papéis da Cultura Indígena presente nos livros didáticos aprovados pelo PNLD/CAMPO-2013².

A Abordagem Teórica adotada são os Estudos Pós-coloniais Latino-americanos (QUIJANO, 2005, 2006; MIGNOLO, 2008; WASLH, 2008) que colocam em evidência as tensões os processos de subalternização, silenciamento e apagamento de culturas, saberes, formas de produzir conhecimentos dentre outros elementos, neste caso em específico direcionamos nossas reflexões para os povos indígenas.

A investigação desenvolvendo-se através da Pesquisa Documental (OLIVEIRA, 2007). Para tratar os dados coletados utilizaremos a Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977; VALA, 1999) por nos possibilitar acessar os núcleos de sentidos que constituem o nosso objeto.

¹ Esta pesquisa é orientada pelo Professor Dr. Janssen Felipe da Silva

² Programa Nacional do Livro Didático para o Campo-2013

Diante do exposto e a título de organização, o artigo encontra-se subdividido nas seguintes seções: 1- Discussão Teórica; 2- Metodologia ; 3- Resultados e discussões; 4- Conclusões; 5- Referências Bibliográficas.

DISCURSÃO TEÓRICA

Nesta seção realizamos o diálogo entre as discussões teóricas sobre Cultura (CASTILLO; MALLET, 1997, HALL, 2003); Cultura Indígena (BANIWA, 2006; JESUS, 2013); Livro Didático enquanto texto curricular (MOREIRA; MARTINS, 2015; PESAVENTO, 2004). Tomamos como lente de reflexão a abordagem dos Estudos Pós-coloniais Latino-americanos (QUIJANO 2005, 2006; MIGNOLO, 2008; WALSH, 2008).

Partimos da compreensão que “estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 44). Assim, refletir sobre os elementos culturais dos povos indígenas é colocar em questão valores, saberes que historicamente foram sendo silenciadas e por vezes deturpadas.

A partir da Abordagem Teórica dos Estudos Pós- Coloniais Latino- Americanos compreende-se que o Colonialismo/Colonialização foi estabelecido mediante dois pilares interdependentes: a Racionalização e a Racialização. Na Racionalização foi estabelecido um modelo de racionalidade eurocentrado que subordina as demais formas de produção de conhecimento. Todos os demais sujeitos que não atendam esses elementos são hierarquizados e classificados como sujeitos inferiores (MIGNOLO, 2008). Com a Racialização, esta razão dominante ganha forma no estabelecimento da categoria mental da raça responsável pela hierarquização dos sujeitos sociais por via da explicação biológica.

Assim, os povos europeus passam a ser os únicos detentores e legitimadores dos conhecimentos, desconsiderando as demais formas de produzir conhecimentos (QUIJANO, 2005). Contudo os Povos Indígenas nesse processo de colonialismo/colonização não eram sujeitos produtores de epistemologias, eram tidos como povos “mansos”, “domesticados”, “bárbaros”, “embrutecidos”.

No entanto, destacamos que o Colonialismo/Colonialização não acabou no momento em que as colônias ficaram independentes de seus colonizadores, passando se materializar e se reconfigurar na Colonialidade que:

se funda en la imposición de uma clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetas, de la existencia social cotidiana y a escala societal (QUIJANO, 2005, p.342).

A Colonialidade que se desdobra e se materializa em quatro eixos: Poder, Saber, Ser (QUIJANO, 2005) e Natureza (WALSH, 2008). O eixo da Colonialidade do Poder busca hierarquizar de forma racial os povos entre inferiores e superiores. A partir dessa perspectiva “los indios no eran solamente siervos, como eran esclavos los negros. Eran, ante todo, ‘razas inferiores’” (QUIJANO, 2006, p. 58).

Arelado a esta classificação e hierarquização, manifesta-se a Colonialidade do Saber, legitimando uma razão hegemônica, única e eurocêntrica de se produzir conhecimento. Na medida em que o único conhecimento válido é o produzido pelo europeu (colonizador). Todos os elementos epistêmicos, políticos e culturais produzidos pelos povos indígenas, nessa lógica não é válido, e os Livros Didáticos são utilizados como instrumentos para contribuir e negar/silenciar saberes e culturas outras.

No processo constante da Colonialidade do Poder e do Saber, constitui-se a do Ser, com à internalização da subalternidade do não europeu/superior/colonizador, tal dimensão consolida a condição “natural” dos Povos Indígenas como sujeitos inferiores, não-epistêmicos, o não-referência, o sem identidade. A Colonialidade da Natureza (WALSH, 2008), anuncia uma nova dimensão que coloca em evidência a divisão binária entre o homem e a natureza, que o homem concebe os elementos naturais meramente como fonte de exploração, alicerçada a concepção mercantilista, oriundos do capitalismo. Dessa forma os povos indígenas se constituem com um elemento da natureza, devido seu pertencimento a Terra. Nessa lógica justifica-se a colonização/exploração desses povos.

Na contramão da Colonialidade, os povos indígenas que foram/são historicamente silenciados, lutam e resistem a esse processo de dominação por intermédio da Decolonialidade (MIGNOLO, 2008) que se constitui enquanto um projeto político que objetiva à transformação e de ações outras libertas das amarras coloniais. A partir da opção decolonial, compreendemos que os povos indígenas e suas culturas não estão cristalizados no período da colonização, partimos da compreensão que

os índios estão mais do que nunca vivos: para lembrar e viver a memória histórica e, mais do que isso, para resgatar e dar continuidade aos seus projetos coletivos de vida, orientados pelos conhecimentos e pelos valores herdados dos seus ancestrais, expressos e vividos por meio de rituais e crenças (BANIWA, 2006, p. 18).

Desse modo, evidenciamos que tensão existente entre os povos que se auto dominam superiores e os que são considerados por esses como povos inferiores, resultam na construção da Diferença Colonial, que colocam em questão os valores culturais e as epistemologias que outrora/atualmente foram/são sonegadas (MIGNOLO, 2008) e invalidadas pela cultura hegemônica.

Assim, pontuamos que o Livro Didático “representam escolhas, que estão relacionadas com discursos impostos por políticas públicas, práticas de produção editorial, expressando uma relação de ‘decisão’ que é muito comum nas práticas sociais contemporâneas, textualmente mediadas” (MOREIRA, MARTINS, 2015, pp. 05-06). Desse modo, não se centram no campo da neutralidade e da ingenuidade, configurando assim um cenário de tensões interculturais. Nessa tessitura, destacamos que a Interculturalidade vêm sendo ressignificada através das perspectivas Funcional e Crítica (WALSH, 2008) que anunciam e constituem projetos sociais distintos.

A Interculturalidade Funcional (WALSH, 2008) oficializa a diferença porém não questiona a lógica que alimenta tais ações. Desse modo, evidenciamos que esta perspectiva funciona/contribui no fortalecimento da lógica moderna/colonial/capitalista. A Interculturalidade Funcional que se funda na Colonialidade do Poder, do Ser, do Saber e da Natureza contribuem para efetivação de processos de silenciamentos e de subalternização dos Povos Indígenas, quanto a seus valores, crenças, culturas, conhecimentos e identidades. Em contrapartida, a Interculturalidade Crítica (WALSH, 2008) centra-se no respeito às diferenças, tornando possível o diálogo entre as Culturas, possibilitando o rompimento das estruturas de poder. Assim, evidenciamos que a Interculturalidade Crítica

va mucho más allá del respeto, la tolerancia y el reconocimiento de la diversidad; señala y alienta, más bien, un proceso y proyecto social político dirigido a la construcción de sociedades, relaciones y condiciones de vida nuevas y distintas. WALSH, 2008, p. 140).

Dessa forma, compreendemos que os Livros Didáticos centrados na Interculturalidade Crítica contribuem no reconhecimento da cultura enquanto “los modos de vivir o los modos de ser compartidos por seres humanos” (CASTILLO, MALLETT, 1997, p. 04). Assim, os povos indígenas teriam suas expressões culturais e identitárias reconhecidas/legitimadas.

No mesmo viés da Interculturalidade Funcional e da Interculturalidade Crítica residem conflitivamente as diferenças entre Política de Identidade e Identidade em Política (MIGNOLO, 2008). Na Política de Identidade existe a valorização de identidades culturais e a criação de políticas que reforcem essas identidades, no entanto funciona na perspectiva de homogeneizar lutas e identidades. No que tange aos povos indígenas, a Política de Identidade dissemina a ideia de que todos são “índios”. Assim, criam-se políticas de identidade que naturalizam essa ideia, silenciando as diferenças que constituem os diversos Povos Indígenas. Um Currículo /Livro Didático centrado nessa compreensão contribuiu na construção de “uma história que definiu o não lugar do indígena” (JESUS, 2013, p. 49), que os estereotipam e genericamente os tratam como se “índio” fosse “tudo igual”.

Na Identidade em Política, que se constitui enquanto uma opção decolonial, se distancia da lógica que alicerça a Política de Identidade, pois constrói-se Identidade em Política à medida que se rompe com a ideia de política neutra e se avança no sentido de política plural (MIGNOLO, 2008). Desse modo os Povos Indígenas advogam por Políticas Públicas que reconheçam e sejam elaboradas com sua participação, tendo como referências suas marcas e diferenças identitárias e culturais.

METODOLOGIA

Nesta seção discorreremos no caminho metodológico que constitui a referente pesquisa. Destacamos a abordagem metodológica que faremos uso, o tipo de pesquisa. As fontes documentais da pesquisa que constituem o nosso campo empírico e os procedimentos de análises.

Esta pesquisa objetiva identificar e caracterizar os lugares e os papéis da Cultura Indígena presente nos livros didáticos aprovados pelo PNLD/CAMPO-2013. Visando atender ao objetivo proposto nos aproximamos da abordagem metodológica de cunho qualitativo que “além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (MINAYO, 2010, p. 21).

No que diz respeito o tipo de pesquisa, fizemos uso da Pesquisa Documental que segundo Oliveira (2007, p. 69) “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico”. Nesse sentido, evidenciamos que os Livros de Didáticos constituem-se enquanto um desses documentos possíveis de análise. No que se refere às fontes documentais dessa pesquisa fazemos uso dos livros do PNLD-Campo 2013, a Coleção Girassol- Saberes e Fazeres do Campo, a mesma faz parte de uma política específica para a Educação do Campo.

Para a análise dos dados utilizaremos a Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977; VALA, 1999), por nos possibilitar acessar os núcleos de sentidos que constituem o nosso objeto. Como também “a finalidade da Análise de Conteúdo será, pois efetuar inferências com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (VALA, 1999, p.104).

Para o desenvolvimento da técnica da Análise de Conteúdo via Análise Temática (BARDIN, 1977; VALA, 1999), utilizaremos as três fases: pré-análise, exploração do material, tratamento e inferências. 1) Levantamento das coleções didáticas das escolas do Território Campesino (Coleção Girassol- Saberes e Fazeres do Campo); 2) Aprofundamento teórico sobre Estudos Pós-coloniais Latino-americanos, Cultura e Cultura Indígena, e Livro Didático enquanto texto curricular; 3) Pré-análise/Exploração dos livros didáticos, objetivando identificar elementos referente à Cultura Indígena; e 4) fase do procedimento ocorre com o tratamento dos resultados e as inferências sobre o que está sendo analisado.

RESULTADOS E DISCURSÕES

Nesta seção apresentamos os lugares e os papéis da Cultura Indígena presente nos livros didáticos aprovados pelo PNLD/Campo-2013. Nesse primeiro momento, apresentamos no quadro a seguir, o quantitativo das iconografias presentes nos livros didáticos sobre as Culturas Indígenas.

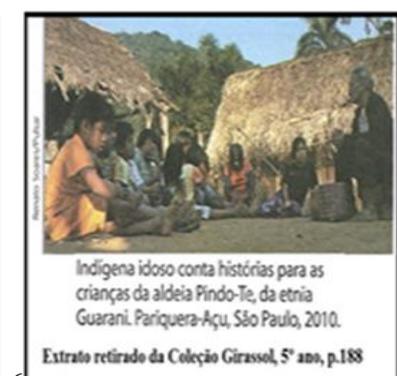
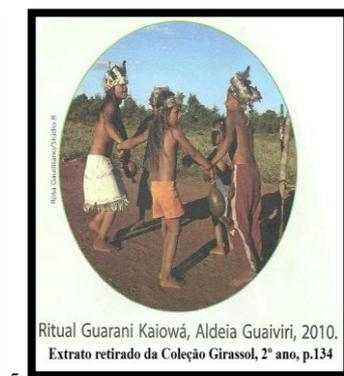
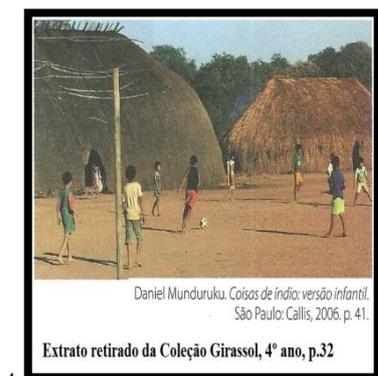
Quadro 01- CATEGORIZAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DAS IMAGENS REFERENTES À CULTURA ÍNDIGENA NOS LIVROS DIDATICOS APROVADOS PELO PNLD/CAMPO-2013

Categorização e quantificação das imagens que apresentam elementos referentes à Cultura Indígena	
Coleção Girassol Saberes e Fazeres do Campo	
Modos de Vida	12
Artefatos	05

Modo de Ser	06
Brincadeiras e jogos	05
Tempo-Histórico	03
Manifestações Religiosas	03
Ancestralidade	02
Educação Escolar	02
Total	38

Fontes: Coleção Girassol Saberes e Fazeres do Campo 2013

Os dados apresentados evidenciam a presença de 38 iconografias que fazem menção a Cultura Indígena, na coleção didática, configurados lugares e papéis nos referentes contextos: a) Modos de Vida; b) Artefatos; c) Modo de Ser; d) Brincadeiras e jogos, e) Tempo-Histórico; f) Manifestações Religiosas; g) Ancestralidade; e h) Educação. Como podemos evidenciar nas imagens abaixo:



- ¹ Categoria Modos de Vidas- Moradias
- ² Categoria Artefatos Culturais
- ³ Categoria Modo de Ser
- ⁴ Categoria Brincadeiras e Jogos
- ⁵ Categoria Expressões Religiosas
- ⁶ Categoria Ancestralidade



Por meio das análises da categorização identificamos que os lugares atribuídos à cultura indígena nos livros didáticos das Coleções Girassol Saberes e Fazer do Campo se materializam predominantemente na condição do passado. Já os papéis concedidos à cultura indígena predominam uma perspectiva do ser índio como primitivo, folclórico e dócil, desconsiderando as atuais organizações indígenas, principalmente no que diz respeito às suas lutas e as transformações culturais que vivem.

Desse modo, os Livros Didáticos pesquisados trazem elementos culturais e identitários no contexto de tensões entre Colonialidade/Decolonialidade. Nesse viés, destacamos que as imagens apresentam a forte influência da Colonialidade do Poder, Ser e do Saber e da Interculturalidade Funcional, pois os povos indígenas e suas culturas são retratados na condição de subalternizados e presos ao passado, reproduzindo a ideia do índio nas figuras de bárbaros, bons selvagens, primitivos e arcaicos. Em certa medida os livros didáticos homogeneízam os povos indígenas e silenciam as singularidades próprias de seus modos vidas. Assim, destacamos a importância de realizarmos análises sobre os Livros Didáticos na busca de contribuir no processo de Decolonização dos currículos/práticas que historicamente foram fundantes para seguir a lógica colonial/eurocêntrica.

Nesta pesquisa identificamos que os lugares e papéis atribuídos a Cultura Indígena estão condicionados à Herança Colonial, ou seja, ocupam uma condição de não prestígio, sendo assim, a Cultura Indígena está predominantemente nos lugares e nos papéis que são marcados pelas formas da Colonialidade do Poder, do Ser e do Saber. Desta forma, a “natureza” dos papéis da Cultura Indígena está em sua maioria no espaço da subalternização. Entretanto, encontramos elementos que se aproximam da Decolonialidade, na perspectiva da Interculturalidade Crítica, principalmente as imagens relacionadas às manifestações religiosas,

¹ Categoria Educação Escolar

às ancestralidades, às brincadeiras e aos jogos ao valorizam os saberes dos povos indígenas que são transmitidos de geração a geração.

CONCLUSÕES

Por fim, pontuamos que os Livros Didáticos são frutos da Herança Colonial e corroboram no fortalecimento do processo de Colonialidade quando contribuem no processo de epistemicídio/ esquecimento, ao retratarem os indígenas no tempo do passado, homogeneízamos povos indígenas, os atribuindo uma “única identidade”, desconsiderando assim suas diferenças culturais e indenitárias, e tratam dos elementos culturais indígenas, no viés meramente do reconhecimento, centrada na Interculturalidade funcional, ao folcorizar as expressões culturais dos indígenas.

Por meio das análises das imagens identificamos que, apesar das reivindicações dos movimentos sociais e da implementação da Lei 11.645/08, o currículo expresso nos Livros Didáticos está inscrito na tensão entre Colonialidade e Decolonialidade numa assimetria que pende para a Colonialidade.

Assim, destacamos a importância de realizarmos análises sobre/com os Livros Didáticos na busca de contribuir no processo de Decolonização dos currículos/práticas, que historicamente foram fundantes para alimentar a lógica colonial/eurocêntrica. Neste sentido, evidenciamos a representação das culturas indígenas, pois reconhecemos que são “concretas, como concretos são os que dão vida a elas” (BANIWÁ, 2006, p.50). Atrelado a tais compreensões, pontuamos a relevância dos livros didáticos representarem Cultura Indígena como elemento vivo, e dinâmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura. Ministério da Educação. Brasília, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BONAFÉ, J. M.; RODRIGUEZ, J. R. O currículo e o livro didático: uma dialética sempre aberta. In: SACRISTÁN, J. G. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo.** Porto Alegre: Penso, 2013, p. 209-225.

MIGNOLO, Walter. Cambiando las éticas y las políticas del conocimiento: la lógica de la colonialidade y la postcolonialidad imperial. Herencias coloniales y teorías postcoloniales. **Revista chilena de literatura**, Coimbra, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder**. In: LANDER, Edgardo (Org.). A Colonialidade de Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Colecion Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005.

QUIJANO, Aníbal. El Movimiento Indígena y Las Cuestiones Pendientes en América Latina. **Argumentos**, enero-abril, año/vol.19, número 050. Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco Distrito Federal, México, pp. 51-77, 2006.

SILVA, Maria da Penha da. Educação Intercultural: a presença indígena nas escolas da cidade e a lei 11.645/2008. In: SILVA, Edson; SILVA, Maria de Penha da (Org.). **A temática indígena na sala de aula: reflexões para o ensino a partir da Lei 11.645/2008**. - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, pp.69-100.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VALA, Jorge. A Análise de Conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (Org.) **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto, 1999.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad**: las insurgências político-epstémicas de refundar el Estado. Revista Tabula Rasa, n. 9, 2008.